

## INGLÊS “ERRADO” OU APENAS UMA VARIAÇÃO LINGUÍSTICA?

*"Wrong" English or just a linguistic variation?*

*Inglés "incorrecto" o sólo una variación lingüística?*

### **Laís Teixeira Lima**

Possui graduação em Letras Português/Inglês pelo Centro Universitário São José de Itaperuna (2013) e mestrado em Cognição e Linguagem pela Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro (2016). Atualmente é professora de Inglês Instrumental da graduação de Medicina na Faculdade Metropolitana São Carlos, professora de Língua Inglesa da Licenciatura em Letras no Centro Universitário São José de Itaperuna e professora de língua inglesa - Secretaria de Educação do Estado do Rio de Janeiro. Tem experiência na área de Letras, com ênfase em Letras, atuando principalmente nos seguintes temas: língua inglesa, estrangeirismos, discurso, língua inglesa como L2 e vocabulário.

### **Camila Rangel de Almeida**

Graduanda em Letras (UNIFSJ)

### **Esther Dutra Ferreira**

Graduanda em Letras (UNIFSJ).

**RESUMO:** O presente artigo tem como principal objetivo realizar uma discussão reflexiva acerca da variação linguística existente no uso da Língua Inglesa (LI), tanto no âmbito regional, socioeconômico, como histórico entre falantes da língua. Visto que a variação não deve ser compreendida como um erro no uso, mas como um fenômeno de interação e de adaptação cultural e social; pois a língua é viva e dinâmica. Inicialmente, foi realizada uma pesquisa bibliográfica acerca do conceito de variação linguística das línguas, porém, com foco principal na LI. Para tanto, o estudo teve como aporte teórico autores como: Fiorin (2013), Bagno (2007), Silva e Smith (2012), Bruniera (2018) e Monteiro (2000). Na sequência, foram analisados vocábulos em suas mais diversas aplicações, expondo suas principais semelhanças e diferenças de aplicabilidade em distintos países que utilizam a Língua Inglesa e em diferentes situações sociais de uso.

**Palavras-chave:** Variação Linguística. Língua Inglesa. Sociolinguística.

**ABSTRACT:** The present article has as main objective to realize a reflexive discussion about the linguistic variation existing in the use of the English Language (EL), both at the regional, socioeconomic and historical levels among language speakers. Since variation is not to be understood as an error in the use of language, but as a phenomenon of interaction and cultural and social adaptation; because the language is alive and dynamic. Initially, a bibliographical research was developed on the concept of linguistic variation of the languages, but with the main focus on EL. In order to do so, the study was based on the following authors: Fiorin (2013), Bagno (2007), Silva E Smith (2012), Bruniera (2018) and Monteiro (2000). In the sequence, we have

analyzed words in their most diverse applications, exposing their main similarities and differences of applicability in different countries that use the English Language and in different social situations of use.

**Keywords:** Linguistic Variations. English Language. Sociolinguistics.

**RESUMEN:** El siguiente artículo como objetivo principal es realizar un análisis reflexivo sobre la variabilidad lingüística existente en el idioma inglés (LI), no regional, socioeconómico, como histórico entre habladores de lengua. Visto como una variable no se desarrolla en el futuro, sino también como fenómeno de la interacción cultural y social; Pues la lengua viva y dinàmica. Inicialmente, se realizó una investigación bibliográfica acerca del concepto de la variable lingüística de las lenguas, por ejemplo, con el foco principal en la LI. Por tanto, he aquí como aporte teórico autores como: Fiorin (2013), Bagno (2007), Silva E Smith (2012), Bruniera (2018) y Monteiro (2000). A Continuación, análisis analógico y profesional de las empresas, las aplicaciones, los principios básicos y las diferencias de aplicación en los distintos idiomas que se utilizan como idioma inglés y en diferentes situaciones sociales.

**Palabras claves:** Variación Lingüística. Idioma en Inglés. Sociolingüística.

## Introdução

Incorporar o estudo dos aspectos sociais à língua foi um processo bastante demorado. Os estudos de Hjelmslev, segundo Monteiro (2000), um dos primeiros autores a refletir sobre o estudo, eliminavam inúmeras variáveis que caracterizavam a língua, e o modelo gerativista exaltava a homogeneidade linguística e ignorava os processos sociais. Porém, ao longo do tempo, percebeu-se a importância do estudo dos aspectos sociais da língua tornando-se, assim, uma discussão essencial para a compreensão dos aspectos comunicacionais da mesma.

A língua não é um conjunto de regras que a sociedade segue sem falhas ou incoerências. Pelo contrário, o processo de comunicação é instável e bastante variável. Cotidianamente percebem-se adaptações durante conversas de muitos indivíduos. Então como dizer que a língua possui uma única variedade padrão? Por que desconsiderar as variedades de fala existentes em uma comunidade? A sociedade não vai surgir a partir de uma língua, a língua que, na verdade, é o produto e a expressão de uma determinada cultura.

De fato é necessário analisar com calma e detalhadamente as respostas para as indagações acima. Não é possível, com base em inúmeros autores, principalmente nos utilizados como suporte teórico, dizer que só existe uma

única variedade padrão. A língua não possui apenas uma forma, um padrão seguido por todos. Pelo contrário, observa-se diariamente como a língua é modificado durante a comunicação, dependendo do contexto de uso. Então não pode haver uma regra estanque, um padrão engessado, visto que as variações linguísticas estão presentes em todas as línguas, mesmo naquelas consideradas mais tradicionais e formais.

Tendo a noção e o entendimento sobre esse tópico, parte-se para a discussão, nas seções seguintes, sobre as variações existentes na construção da Língua Inglesa, em suas diversas comunidades de uso, assim como o porquê de considerá-las essenciais para a formação e construção do idioma.

## 1. VARIAÇÃO LINGUÍSTICA: UMA BREVE CONCEITUALIZAÇÃO

A língua surge a partir da comunicação social entre indivíduos de uma mesma cultura e é moldada e adaptada, quando necessário, pelos usuários. Podem-se considerar características naturais da linguagem o caráter social, que pode ser entendido como a identidade de uma nação ou um povo que pertence a um conjunto comunitário e poderá agir sobre essa língua; e a variabilidade, ou seja, sua constante mudança e adequação ao meio social. Portanto, Saussure (2012, p. 17) afirma que a língua “é ao mesmo tempo, produto social da faculdade da linguagem e um conjunto de convenções necessárias adotadas pelo corpo social para permitir o exercício dessa faculdade nos indivíduos”.

Furtado da Cunha e Tavares (2007) corroboram com tal concepção e afirmam que

a língua é determinada pelas situações de comunicação real, em que falantes reais interagem e, conseqüentemente, seu estudo não pode se resumir à análise de sua forma, já que essa forma está relacionada a um significado e a serviço do propósito pelo qual é utilizada, o que depende de cada contexto específico de interação (FURTADO DA CUNHA & TAVARES, 2007, p. 157).

Labov observa, então, que “o discurso da maioria dos indivíduos não constitui um sistema coerente e racional, uma vez que é marcado por numerosas oscilações, contradições e alterações” (Labov apud. MONTEIRO,

2000, p.14). Sendo assim é estabelecido um “corte metodológico” e a *langue* (língua) é determinada como foco da linguística.

Entretanto a *langue* não é suficiente para descrever a *parole* (discurso), o contexto social precisa ser observado. Surge então, segundo Monteiro (2000), o chamado “paradoxo saussuriano” que diz que através do indivíduo é possível analisar o aspecto social da linguagem, entretanto apenas quando há a interação comunicativa que se estuda o aspecto individual.

No início dos estudos sociolinguísticos, os autores Bright (1966) – em sua obra *Sociolinguistics* – e Fishman (1972) – em seu trabalho *Language and nationalism: Two integrative essays* – foram considerados pioneiros na discussão de tais temáticas, Bright (1966) afirma que variedade linguística é o foco da sociolinguística. E dentro de sua tese ele percebe a diversidade sob “três ângulos principais: a identidade social do emissor, a identidade social do receptor e as condições da situação comunicativa.” (MONTEIRO, 2000, p.15). Existem fatores sociais que influenciam e modificam o discurso de cada indivíduo, e através dos estudos de Labov (1972), foi possível estabelecer um modelo para encontrá-los.

A linguagem visa instituir e manter as relações sociais dos indivíduos. E, segundo Monteiro (2000), do ponto de vista social, a língua ao estabelecer relações entre os indivíduos e promover seu papel social transmitindo informações prova a existência da relação entre língua e sociedade.

Essa relação pode promover variedades linguísticas, que diferentes comunidades (grupos), irão utilizar durante sua comunicação. Desse modo, então, afirma-se que existem variedades e cada uma delas é proposta ou moldada a partir da relação de um determinado grupo com a língua. Para alcançar o principal objetivo do artigo, é essencial compreender sobre os termos comunidades linguísticas e comunidades de fala; por exemplo, Estados Unidos da América e Inglaterra são da mesma comunidade linguística – ou seja, utilizam a mesma língua, a Língua Inglesa –, entretanto são diferentes comunidade de fala, possuem maneiras distintas de utilizar a língua, com regras distintas e particulares. Ou seja, a variação ocorre em diferentes comunidades de fala, podendo ser concebidas de maneiras diferentes: como um grupo de pessoas de variadas classes socioeconômico de uma mesma área, ou com foco no indivíduo e suas relações sociais (laços sociais). Criam-

se e definem-se, então, as áreas linguísticas com o intuito de facilitar o entendimento sobre as ocorrências de variação.

Elas se referem “a um território onde se falam muitas línguas que, embora não sejam necessariamente relacionadas, têm um certo número de traços em comum, como resultado da difusão de inovações através das fronteiras linguísticas.” (TRUDGILL apud MONTEIRO, 2000, p.45). Nesse momento, as tentativas de analisar e formulá-la podem ser através da observação por áreas de fala, percebendo as diferentes falas em um território, delimitando, também, as noções sobre *dialetos*, o modo de falar de uma região. Por exemplo, dentro do Rio de Janeiro, onde observamos variados dialetos, e as diferenças de fala no centro, e no noroeste do estado. Inúmeros dialetos coexistem dentro de uma região, bem como ocorre também na Língua Inglesa.

Entretanto, não se pode supor que a variedade ocorre apenas por variação geográfica, o fator sociocultural também influencia. A relação que o indivíduo mantém com distintos grupos (amigos, família, igreja, trabalho, colégio), irá afetar a situação e a intenção comunicativa. Ou seja, o modo de falar do indivíduo é estruturado e moldado por um sistema que atenda às suas necessidades. E essa estruturação pode sofrer influência, principalmente, de fatores regionais, socioeconômicos e históricos.

Essas variações ocorrem em várias línguas, como no Inglês, que é falado em muitos países, sendo a língua principal ou não. Alguns, principais, são: Inglaterra, Estados Unidos, Jamaica e Austrália. E como exposto acima, apesar de compartilharem o mesmo idioma, utilizam regras diferentes. A variação pode ser gramatical entre os países, com algo pequeno ou até construções maiores, como expressões, etc.

Na análise abaixo, serão expostos os exemplos de variações regionais, socioeconômicas e históricas presentes alguns países que falam a Língua Inglesa.

## 2. EXEMPLOS DE VARIAÇÃO LINGUÍSTICA NA LÍNGUA INGLESA

Percebe-se durante a análise que algumas palavras e construções sofreram influência histórica por parte de uma colônia inicial. Toda língua sofre influência histórica e social de outras línguas, porém, tal influência torna-se

ainda mais acentuada quando se é discutido sobre países que possuíam forte e longa dependência de seus países colonizadores. Como a Austrália e os Estados Unidos, os quais eram colônias da Inglaterra, eles possuem como língua materna o Inglês; porém, devido a distância que há em relação ao país colônia, a língua se adaptou às necessidades de seus falantes e de sua realidade social, adquirindo, assim, características daquelas localidades.

Ainda existe outra questão de influência no desenvolvimento do idioma: as fronteiras. Muitos países são cercados de outros que possuem uma língua distinta, portanto, tanto a língua, quanto os dialetos próximos a essas regiões podem afetar a construção do idioma; um exemplo claro de tal influência, é a Jamaica, onde o inglês sofre influência das línguas africanas. Monteiro (2010) afirma que

um dialeto se circunscreve a uma zona ou região territorial, que frequentemente coincide com as fronteiras ou barreiras geográficas (...) quando se tenta estabelecer limites entre diferentes dialetos, corre-se o risco de se considerar muito mais os fatos sociais do que os linguísticos. (MONTEIRO, 2010, p.46)

Portanto, assim como não se pode discutir sobre variação linguística sem abordar os aspectos regionais ali presentes, seria incoerente ignorar a concepção socioeconômica, visto que, muitas vezes, o falante que possui uma linguagem mais próxima da norma padrão da língua pode ter maior prestígio na sociedade que exige, em muitas das vezes, uma fala prestigiada. Assim sendo, vimos as principais variações linguísticas: as regionais, socioeconômicas e históricas. Essas variações podem ocorrer todas ao mesmo tempo, ou não. Vejamos alguns exemplos.

Um exemplo de variação histórica e regional é o vocábulo *quite*, uma palavra de origem Inglesa, que chega aos Estados Unidos durante a colonização, entretanto sofre alteração de uso devido à influência da região. Os ingleses usam para “ênfatar o significado do adjetivo a que se refere”. (BRUNIERA, 2006, s/p.), enquanto os americanos atribuem ao *quite* o sentido de *completely*.

Existe diferença também em relação ao uso do artigo *The*, enquanto os americanos o utilizam antes da palavra *hospital*, os ingleses não usam, uma vez que, normalmente, a palavra é usada sem um artigo quando é objeto de

uma preposição e quando se refere a um paciente. . É uma escolha estrutural estabelecida de acordo com a necessidade de uso de cada país.

Para Steinberg

há cerca de 4 mil palavras da língua inglesa com sentido diferente na Inglaterra e nos Estados Unidos. Ocorre também muitas vezes que dois ou mais termos são comuns às duas variantes, mas sempre há uma questão de preferência de uso de uma forma em detrimento da outra. É a chamada *usage*, ou seja, uso. (STEINBERG, 2003, p.8)

Portanto, existem pontos de divergências mais complexos, a seguir, foi apresentado um quadro com as diferenças semânticas de expressões e vocabulário entre Estados Unidos, Inglaterra e Austrália:

Quadro 1 – Diferenças de vocabulário entre os países

Estados Unidos	Inglaterra	Austrália
Cookie	Biscuit	Bickie
Parking lot	Carpark	Carpark
Sidewalk	Pavement	Footpath
Garbage bin	Rubbish bin	Trashcan
Soccer	Football	Football

(Disponível em: <https://www.topwayschool.com/blog/quais-as-principais-diferencas-entre-o-ingles-falado-nos-eua-na-inglaterra-e-na-australia>)

Percebe-se que, em algumas situações, os vocabulários da Inglaterra e da Austrália são mais próximos do que as expressões utilizadas nos EUA. Isso pode estar relacionado à influência histórica da colônia inglesa, a qual permaneceu mais tempo na região da Austrália.

Outro tipo de variação, tanto regional quanto histórica, é a diferença ortográfica entre palavras norte-americanas e britânicas. Sendo a alteração da

terminação, ou grafia da palavra. Como: *ense* por *ence*; *er* por *re*; *or* por *our*; *25d* por *t*; *k* por *que*; *ize* por *ise*; *og* por *ogue*. Representados nos exemplos do quadro a seguir, respectivamente.

Quadro 2 – Diferença ortográfica entre o Inglês Britânico e Americano

American English	British English
Defense	Defence
Center	Centre
Color	Colour
Dreamed	Dreamt
Bank	Banque
Analyze	Analise
Analog	Analogue

(Disponível em <http://www.english-for-students.com/American-Spelling.html>)

Em relação à Jamaica, a maior parte da escrita é feita no inglês padrão, incluindo notas e correspondência pessoal. Entretanto, a Jamaica possui um dialeto próprio, que não segue os padrões tradicionais da LI, chamado dialeto *Patois*. Não é comum ver o dialeto, poucos o estudam devidamente, esse dialeto está presente na literatura, em poemas folclóricos, em algumas colunas de humor nos jornais. Sendo utilizado pelos jovens, também, em chats e na Internet.

Por esse motivo ainda hoje é muito difícil de encontrar exemplos da utilização dessa variedade, e suas diferenças dialetais. Lima (2010, s/p.), evidencia algumas peculiaridades de falantes sul-africanos:

O presidente Obama quando disse “this is my man” para o ex-presidente Lula, teria sido traduzido por “this oke’s my china” no inglês sul-africano. Isto porque “china” é uma gíria como

“amigão”, “camarada”, “brother”. Em português a sentença “this oke’s my china” é o mesmo que dizer “este cara é meu amigão”. (...) Se você pedir para que um sul-africano faça algo e ele responder “I’ll do it just now”, cuidado! Para eles “just now” significa “em um futuro próximo” e não o que normalmente traduzimos como “agorinha mesmo” ou “neste instante”. Portanto, atenção com o “just now” por lá. (LIMA, 2010)

Percebe-se, então, que a grande maioria das diferenças é a ortografia e, conseqüentemente, a fonética do inglês norte-americano para o jamaicano:

Quadro 3 – Inglês Americano e Jamaicano

Inglês Norte-americano	Inglês Jamaicano
No right turn	No ton rait
School zone begins	Skullbigin
No entry	No enta
Keep left	Kip lef
No parking between these signs	No paak bitwiin dem sain

(Disponível em: <<https://www.inglesnosupermercado.com.br/linguas-inglesas-ingles-jamaicano-caracteristicas/>>)

Com os exemplos apontados na seção foi observado como existem diversas variações do Inglês, do original Britânico, que foi onde o idioma se estabeleceu primeiro, onde teve origem. Entretanto, esse fato não desvaloriza em nada as variações existentes, pelo contrário, as enriquece ainda mais, principalmente o Inglês Jamaicano que recebe grande influência da cultura africana, assim como o Australiano recebe das raízes indígenas de seu continente.

Cada alteração dentro de cada um desses sub-idiomas da Língua Inglesa, dessas variantes, tem estruturação e formação estabelecida e influenciada por diversos aspectos, sejam históricos, sociais, econômicos,

regionais, ou qual for. O que importa é que cada idioma é rico de sua própria maneira e é válido e pertinente ter conhecimento sobre essas diferenças.

Assim sendo, parte-se para a conclusão do trabalho em que será avaliado se, de fato, tais variações são “erros” ou não.

## CONCLUSÃO

Conclui-se então que existem diversos tipos de variedades coexistindo dentro de um mesmo território, podendo ser influenciada por apenas um fator, por dois fatores relacionados, ou até mais. Entretanto, esse fato não desvaloriza em nada as variações existentes, pelo contrário, as enriquece ainda mais, como o Inglês Jamaicano que recebe grande influência da cultura africana, assim como o Australiano recebe das raízes indígenas de seu continente.

As variedades podem gerar algumas falhas na comunicação entre indivíduos de diferentes países localizações, mas, em sua maioria, não em relação às ocorrências gramaticais e sim, ao vocabulário. Se um britânico pedir “*Chips*” a um americano, ele receberá um pacote de *Ruffles* e não o esperado, batata frita. Como os cariocas, que se forem a São Paulo e pedirem biscoito poderão passar aperto. Porém, as variedades enriquecem a língua e demonstram a capacidade do indivíduo, e falante, de adaptar a língua as suas necessidades comunicativas, utilizando de forma correta, dinâmica e apropriada as novas construções linguísticas desenvolvidas diariamente.

Portanto, é necessário afirmar que não existe um inglês errado ou uma norma padrão que deve ser sempre seguida, o que existem são diversas variações linguísticas, que são capazes de diversificar o idioma, tornando-o útil e prático para aqueles que fazem seu uso. Pois as línguas não podem ser consideradas estanques e engessadas, pois estão em constante uso e são utilizadas por falantes das mais distintas classes sociais, etnias, sociedades e regiões.

## REFERÊNCIAS

BAGNO. M. **Preconceito linguístico: o que é, como se faz.** 49ª ed. São Paulo: Loyola, 2007.

BRIGHT, W. **Sociolinguistics**. The Hague: Mouton, 1966.

BRUNIERA, C. **Variedades lingüísticas (2): O inglês britânico e o americano**. In: Especial para a Pagina 3 Pedagogia & Comunicação. Disponível em: <https://educacao.uol.com.br/disciplinas/ingles/ingles-britanico-e-norte-americano-diferenca-pode-confundir-estudantes.htm>. Acesso em: 04 dez. 2018.

GODINHO, J. D. **Língua Inglesa – Inglês Jamaicano, características**. Disponível em: <https://www.inglesnosupermercado.com.br/linguas-inglesas-ingles-jamaicano-caracteristicas/>. Acesso em: 04 dez. 2018.

ENGLISH FOR STUDENTS. **Differences between american spelling and british spelling**. Disponível em: <http://www.english-for-students.com/american-spelling.html>. Acesso em: 04 dez. 2018.

FIORIN, J. L. (org.) **Linguística? Que é isso?** São Paulo: Contexto, 2013.

FISHMAN, J. **Language and nationalism: Tow integrative essays**. The Hague: Mouton, 1972.

FURTADO DA CUNHA, M. A.; TAVARES, M. A. (Orgs.). **Funcionalismo e ensino de gramática**. Natal: ADUFRN, 2007.

LIMA, D. **Inglês australiano: diferenças e curiosidades**. Inglês na Ponta da Língua, 2012. Disponível em: <https://www.inglesnapontadalingua.com.br/2012/05/ingles-australiano-caracteristicas-e.html>. Acesso em: 05 dez. 2018.

MONTEIRO, J. L. **Para compreender Labov**. Rio de Janeiro: Vozes, 2000.

SCHOOL, TopWayEnglish. **Quais as principais diferenças entre o inglês falado nos EUA, na Inglaterra, e na Austrália?** In: Cultura. Disponível em: <https://www.topwayschool.com/blog/quais-as-principais-diferencas-entre-o-ingles-falado-nos-eua-na-inglaterra-e-na-australia>. Acesso em: 04 dez. 2018.

SCRIBD. **Observando o caráter social e abstrato da língua**. Disponível em: <https://pt.scribd.com/doc/53247956/observando-o-carater-social-e-abstrato-da-lingua>. Acesso em: 04 dez. 2018.

SILVA, M.; SMITH, M. **As muitas faces das palavras na Língua Inglesa: variação linguística diacrônica e diatópica**. Blumenau: Linguagens – Revista de Letras, Artes e Comunicação, v. 6, n. 2, mai/ago-2012, pg. 186.

SÓ PORTUGUÊS. **Língua**. Disponível em: <https://www.soportugues.com.br/secoes/seman/seman2.php>. Acesso em: 04 dez.

STEINBERG, M. **Inglês Americano x Inglês Britânico: palavras diferentes para o mesmo sentido, sentidos diferentes para a mesma palavra.** São Paulo: Disal, 2003.